

# **Circulações entre versos e vozes: As peregrinações no Estado da Bahia pelos folhetos de Minelvino Francisco Silva**

Circulation between verses and voices: Pilgrimages in the State of Bahia through Minelvino Francisco Silva's booklets

Recebido: 06/07/2019

Aprovado: 30/11/2019

*Neffertite Marques da Costa\**

## **Resumo:**

Os temas religiosos são os mais presentes na Literatura de cordel brasileira com a utilização de elementos do catolicismo, como as figuras de Jesus, de Maria, dos santos e do diabo, pelos poetas populares. Os folhetos sobre a *despedida dos romeiros de Nossa Senhora da Ajuda*, sobre as *belezas da gruta de Sagrado Coração de Jesus em Ituaçu*, sobre a *aparição de Nossa Senhora das Dores e sobre a Santa Cruz do Monte Santo* e a *Coleção de benditos do Bom Jesus da Lapa*, são do poeta popular baiano Minelvino Francisco Silva (1926-1999). Ele se auto intitulou como Trovador Apóstolo, estão disponíveis no acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa. Eles mostram a forma como as peregrinações ocorreram no Estado da Bahia durante as décadas de 1960 e 1970.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel; Minelvino Francisco Silva; Bahia; peregrinação.

## **Abstract:**

The religious themes are the most present in Brazilian cordel literature using elements of Catholicism, such as the figures of Jesus, Mary, saints and the devil, by popular poets. The pamphlets about the farewell of the pilgrims of Our Lady of Help, the beauties of the cave of the Sacred Heart of Jesus in Ituaçu, the apparition of Our Lady of Sorrows and the Holy Cross of Monte Santo and the Blessed Jesus Collection da Lapa, are from the popular Bahian poet Minelvino Francisco Silva (1926-1999). He called themselves the Troubadour Apostle; they are available in the digital collection of the Casa de Rui Barbosa Foundation. They show how pilgrimages took place in the state of Bahia during the 1960s and 1970s.

**Keywords:** Cordel literature; Minelvino Francisco Silva; Bahia; pilgrimage.

## **Introdução**

Partindo do pressuposto de que os temas religiosos são os mais presentes na Literatura de cordel brasileira, o presente estudo propõe uma análise acerca das peregrinações ocorridas no Estado da Bahia, entre o final da década de 1960 e o final da década de 1970, por meio dos folhetos do poeta popular Minelvino Francisco Silva,

---

\* Neffertite Marques da Costa é mestra em Ciência da Religião pela PUC-SP.

baiano, auto intitulado Trovador Apóstolo, a partir da seguinte definição proposta para esse tipo de literatura:

Documentário de costumes e de mitos do mundo rural brasileiro ou recriação escrita de uma tradição oral herdada da Europa, o folheto deixa entrever, sob uma denominação múltipla, as ambigüidades de sua identidade. O termo folheto de feira é empregado tradicionalmente para designar esse pequeno livro, cujo número de páginas varia de 8 a 48 (podendo chegar, excepcionalmente, até 64 páginas), com um formato médio de 11 x 64 cm., imposto pelo modo de distribuição. (SANTOS, 2006, p. 60, 61).

No intuito de identificar esses costumes e mitos presentes nas peregrinações, registrados nos folhetos *A despedida dos romeiros de Nossa Senhora d'Ajuda*, *As belezas da gruta de Sagrado Coração de Jesus em Ituaçu*, *Aparição de Nossa Senhora das Dores e a Santa Cruz do Monte Santo* e *Coleção de benditos do Bom Jesus da Lapa*, disponíveis no acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa, foram verificadas as práticas e os discursos dos peregrinos, assim como as devoções presentes nos santuários por eles visitados. Os versos dos poemas foram transcritos com a grafia original verificada nos folhetos.

### **As peregrinações no Estado da Bahia pelos folhetos de Minelvino Francisco Silva**

Minelvino Francisco Silva nasceu em 29 de novembro de 1926, no povoado de Palmeiral, no município de Mundo Novo, no centro-norte do Estado da Bahia, mas foi criado no município de Jacobina, conhecida como cidade do ouro, o que explica ter começado a trabalhar como garimpeiro. Seus pais eram Laura Maria de Jesus e José Francisco Silva, de quem era filho ilegítimo. Faleceu em 1999 no mesmo dia do seu nascimento.

O primeiro folheto de Minelvino Francisco Silva foi *A enchente de Miguel Calmon e o desastre do trem de Água Baixa*, editado por Rodolfo Coelho Cavalcante, o mais famoso poeta da Literatura de cordel no Estado da Bahia, em um episódio que marcou o encontro dos dois poetas, que se tornaram amigos e companheiros de luta pelos direitos dos trovadores, nomenclatura pela qual preferiam chamar os poetas populares.

Em 1947 Rodolfo recebeu, pelo correio, um folheto versado por um jovem do interior, residente em Jacobina, nascido em Mundo Novo, Bahia, chamado Minelvino Francisco Silva. Intitulava-se o folheto *A enchente de Miguel*

*Calmon* e Minelvino solicitava publicação. Os versos estavam errados. Rodolfo consertou, e editou mil exemplares, para incentivar o novo poeta. Ao mesmo tempo, escreveu a Minelvino sugerindo-lhe que viesse a Salvador receber lições de métrica. Quinze dias depois, Minelvino apareceu, com seu jeito de matuto do interior: um rapaz moreno, de chapéu na cabeça, risonho e aberto. Rodolfo deu-lhe aulas de versificação de cordel, e Minelvino, depois de se abastecer de alguns folhetos da agência de seu mestre, voltou para a sua cidade e, de imediato, abraçou a profissão de poeta. Daí um mês publicava o folheto *Histórias do mau ladrão ou os sofrimentos de Maria*, e não mais parou, até hoje. Um ano depois, Minelvino já era autor de uns vinte folhetos. Mudou-se para Itabuna, onde montou uma pequena gráfica, faz xilogravuras e continua editando e vendendo seus folhetos. Com isso, cria seus filhos e mantém sua família. (WANKE, 1983, p. 138).

Diferente de Rodolfo Coelho Cavalcante, que, residente na capital do Estado, saía por diferentes municípios vendendo os seus folhetos assim como os de outros poetas, Minelvino Francisco Silva concentrou a sua ação predominantemente na região em que vivia, tendo se mudado para o município de Itabuna, no sul do Estado da Bahia, em 11 de dezembro de 1948. Contudo, o relato do primeiro encontro entre os dois, já evidencia a forma como a produção da Literatura de cordel promoveu uma circulação desses poetas pelo território baiano.

O poema *As belezas da gruta de Sagrado Coração de Jesus em Ituaçu*, escrito em septilhas, com as rimas ABCBDDDB, não tem impressa a data da publicação do folheto ou a data em que o poema foi escrito, mas, considerando o grande volume de folhetos publicados pelo poeta entre os anos de 1960 e 1970, é possível supor que o folheto em questão tenha sido publicado nesse período, razão pela qual o presente estudo o inseriu nessa cronologia, assim como por se tratar de mais uma peregrinação realizada no Estado da Bahia.

Ao chegar naquela gruta  
Desce uma escadaria  
Setenta e cinco degraus  
Seja de noite ou de dia  
Se ver tão grande beleza  
Por obra da natureza  
Que a gente sente alegria  
Assim que desce a escada  
Vai avistando o altar  
Do Coração de Jesus  
Tão lindo de admirar  
O romeiro admirando  
Vai logo se ajoelhando  
E ali começa a rezar  
Assim que todos terminam  
Aquela santa oração  
Vai o guia dos romeiros

Pra levar a multidão  
 Com toda delicadeza  
 Mostrando toda beleza  
 De cada lindo salão  
 Todos com luzes acesas  
 Seguem sem ter paradeiro  
 Vão encontrando adiante  
 Ali o santo cruzeiro  
 Quando a gruta era deserta  
 E ali foi descoberta  
 Por um humilde vaqueiro  
 Vinha correndo com um boi  
 E o boi escapoliu  
 Nesse grande sumidor  
 E muito embaixo caiu  
 O vaqueiro experiente  
 Foi em casa chamou gente  
 E a gruta descobriu  
 (SILVA, s.d., p. 1, 2).

No início do poema, há uma descrição da chegada no interior da gruta, localizada na região da Serra Geral, identificada como Gruta da Mangabeira, que vai sendo explorada pelos romeiros com a presença de um guia, o que evidencia o seu potencial turístico para além do turismo religioso. É possível perceber as primeiras reações dos peregrinos, as quais se tornam mais interessantes na medida em que oferecem uma interpretação própria para a formação de estalactites e estalagmites, contrariando a explicação científica para a ocorrência destas, e quando tentam enxergar imagens religiosas nas pedras vistas no interior da gruta.

Todos prosseguem viagem  
 Cada um com luz acesa  
 Reparando aquela gruta  
 Admirando a beleza  
 Adiante ver pingando  
 A água petrificando  
 Por obra da natureza  
 Sugestiona os romeiros  
 Em ver a água pingar  
 Naquele mesmo local  
 A mesma petrificar  
 Quem não crê em Jesus Cristo  
 Depois que ver tudo isto  
 É obrigado a criar  
 (...)

Vai prosseguindo a viagem  
 Com o grande clarão da luz  
 Romeiro escolhendo pedra  
 Que para casa conduz  
 Cada qual fazendo empenho  
 Na pedra ver um desenho

De Coração de Jesus  
(SILVA, s.d., p. 3).

O poema *A despedida dos romeiros de Nossa Senhora d'Ajuda*, escrito em sextilhas, com as rimas ABCBDB, foi elaborado em 16 de agosto de 1967, conforme publicado na penúltima página do folheto, um dia após a Festa de Nossa Senhora da Ajuda, a qual o poeta esteve presente, tendo sido realizada em Arraial d'Ajuda, distrito de Porto Seguro, no litoral sul do Estado da Bahia, e, provavelmente, publicado na sequência, quando Minelvino Francisco Silva retornou para Itabuna, já que possuía uma gráfica própria, chamada Milagre de Jesus.

No dia 15 de agosto  
É a maior alegria  
Romeiros de todo canto  
Vem fazer sua romaria  
E também agradecer  
A santa Virgem Maria

Antes 3 ou 4 dias  
Começa gente chegar  
Ninguém vai pagar pensão  
Pra lá se hospedar  
Nossa Senhora tem casas  
Para os romeiros ficar

Porque 20 casas boas  
Estão à disposição  
De todo e qualquer romeiro  
Que vem de todo rincão  
Visitar Nossa Senhora  
De todo seu coração

Quando é no dia da festa  
É mesmo de admirar  
É tanto carro pra o povo  
Nesse dia transportar  
Que é obrigado a polícia  
Ir também organizar

Os vendedores também  
A propaganda fazendo  
Só se vê por todo canto  
Um comprando outro vendendo  
E o sino na Igreja  
De vez em quando batendo

Das 4 pra 5 horas  
Sai na rua a procissão  
Nossa Senhora d'Ajuda  
No meio da multidão  
E a música acompanhando  
Que causa admiração

Percorre a praça todinha  
E o povo acompanhando  
Cantando lindo bendito

E toda música tocando  
Foguete lá no espaço  
De vez em quando espoucando  
Quando volta pra Igreja  
Aquele santa querida  
O Padre celebra a missa  
De nossa Mãe Concebida  
E todo romeiro ali  
Faz a sua despedida  
(SILVA, 1967, p. 4, 5).

É possível identificar a presença de muitos peregrinos no local e provenientes de lugares muito afastados, o que denota a palavra rincão, inclusive nos colocando para refletir acerca das condições sociais dessas pessoas, considerando o que significava em termos econômico-sociais a região Nordeste no final da década de 1960, assim como pela existência de casas destinadas à ocupação dos peregrinos durante a passagem destes pela festa do orago.

Nesse sentido, algumas expressões da religiosidade popular explicam a razão pela qual o tema inicial do poema seja a promessa religiosa, colocada como o motivo que leva os peregrinos até ali: o pagamento pela ajuda de Nossa Senhora da Ajuda. Dessa forma, nos primeiros versos, o poeta comentou o conteúdo identificado nos ex-votos, depositados na sala dos milagres do santuário, em forma de pinturas.

A palavra ex-voto, diminuição da frase ‘ex-voto suscepto’, com significado de pela graça recebida, foi usada grandemente a partir da sua cristianização. Ela abarca muitos tipos de artefatos, feitos de diversos materiais: esculpidos, feitos individualmente ou por meios mecânicos como acontece em nossos dias. A palavra ex-voto é substituída por outras palavras com similar significado: graça (grazia em italiano) e em nosso país por promessa ou milagre. (SCARANO, 1997, p. 171).

O curioso é a tentativa, transmitida pedagogicamente pelo poema, de domesticar as práticas religiosas dessa população: um padre diz que a promessa deve ser cumprida e que não se deveria prometer tolices, como, aos seus olhos, seria uma promessa paga por outro peregrino ou o batizado do filho apenas naquele santuário, mostrando qual seria a promessa bem feita, ou seja, a doação de roupas e alimentos, o pagamento da viagem e alimentação de outro peregrino e o ensino do catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana.

O interessante é que esse tema retornou à obra de Minelvino Francisco Silva no ano de 1976, com o folheto *Uma explicação aos romeiros e a mudança das promessas*,

no qual um padre chamado Aldo, então no Santuário da Santa Cruz, em Monte Santo, teria ordenado ao poeta que escrevesse o ensinamento de Jesus nos Evangelhos acerca das obras de misericórdia – dar de comer e de beber a quem tem fome e sede, vestir os nus, visitar os presidiários, assistir os enfermos e dar abrigo aos peregrinos – como justificativa para o que seria uma promessa bem feita, repetindo e ampliando o que já havia sido escrito em 1967.

Completo o poema com uma crítica ao uso de foguetes nas festas religiosas, citando acidentes ocorridos em locais de grande peregrinação, como o Santuário do Bom Jesus da Lapa, em 1963; na Gruta da Mangabeira ou do Sagrado Coração de Jesus, em Ituaçu; na Festa de Nossa Senhora da Purificação, em Santo Amaro; e no município de Monte Santo, um acidente em uma data desconhecida e o outro em 1975, próximo à publicação do folheto.

O foguete antigamente  
Era símbolo de alegria  
Pra dar louvores a Deus  
E a santa Virgem Maria  
Hoje perdeu a beleza  
Virou símbolo de tristeza  
Com o que faz na romaria  
(SILVA, 1976, p. 3).

O folheto foi publicado em Itabuna, município de residência de Minelvino Francisco Silva, em 23 de agosto de 1976, mas um dos versos do poema e a publicação da xilogravura do altar do Santuário da Santa Cruz na capa do folheto, com a data de 05 de janeiro de 1976, indicam que o poeta esteve no local naquele ano, que, considerando a distância e a dificuldade de acesso ao município, deve ser o ano de publicação do folheto *Aparição de Nossa Senhora das Dores e a Santa Cruz do Monte Santo*, em que não há o registro da data de publicação.

Este folheto apresenta o Santuário da Santa Cruz, construído, inicialmente, em 1775, no cume de uma montanha, a uma altitude de 500 metros do nível do mar, o segundo sacromonte reconhecido no Brasil, em um conjunto formado por mais vinte e quatro capelas, dedicadas aos Passos da Paixão de Cristo e as sete dores de Maria, que deu origem ao município de Monte Santo, localizado no sertão baiano.

O poema, escrito em septilhas, com as rimas ABCBDDDB, traz uma característica da religiosidade popular: a forte presença do culto mariano. Há uma versão para a construção da Capela de Nossa Senhora das Dores e do Santuário da Santa Cruz, que,

segundo o poeta, era contada pelos moradores antigos, a qual contraria a crônica acerca de Monte Santo, fruto da ação do missionário capuchinho Frei Apolônio de Todi.

A muitos anos passados  
Dizem os velhos moradores  
Que apareceu numa pedra  
Nossa Senhora das Dores  
Quem ali ficasse olhando  
Parecia está chorando  
Pelos filhos pecadores

No cume do alto monte  
Apareceu uma cruz  
Com uma toalha nos braços  
Que se vê em plena luz  
Toda alvinha sem ter malha  
Só pode ser a toalha  
Que embrulharam Jesus

Pegaram a imagem da santa  
Colocaram no altar  
De sua igreja matriz  
Mas ela não quiz ficar  
Porque dali exalou  
Depois o povo a encontrou  
Na pedra no seu lugar

Outra vez pegaram a imagem  
E trouxeram novamente  
Ela tornou a voltar  
Pra seu lugar pretendente  
Precisou edificar  
Uma Igreja no lugar  
Que apareceu certamente

E lá no pico do monte  
Construíram outra capela  
Onde tem a Santa Cruz  
Com a toalha tão bela  
Para todo penitente  
Que tem fé no Onipotente  
Ir fazer a visita a ela  
(SILVA, s.d., p. 1, 2).

Os benditos, cantos religiosos populares, que acompanhavam as procissões ou outras reuniões religiosas em torno de orações católicas, como as novenas e os terços, foram publicados por Minelvino Francisco Silva no final de inúmeros folhetos, além da publicação de textos da tradição católica em sua gráfica, como *O terço*, *O ofício de Nossa Senhora* e *Os 25 anos do programa A Voz Mariana*, o que comprova a transmissão de conhecimentos religiosos por meio da Literatura de cordel brasileira.

A leitura do folheto *João da Cruz*, de Leandro Gomes de Barros, fez aflorar a religiosidade inata de Minelvino. O poeta considerava esse folheto “um livro



que se torna religioso”. Numa das conversas que tive com ele, explicou-me que a alcunha *O Trovador Apóstolo*, usada sempre em todos os seus folhetos, vinculava-se a uma espécie de experiência mística e iluminadora que vivenciara “é que vi uma luz acesa diante de mim”. A partir daí a fé e uma espécie de delírio místico passaram a marcar a vida e até a produção artística de Minelvino. (...). Além disso, dedicou-se com fervor à composição de benditos e hinos sacros, constituindo-se numa espécie de porta-voz dos romeiros, sempre atento – poeta que era e de boa estirpe – ao menor sinal de abalo rítmico da escritura poética, o que vale dizer que não admitia qualquer primazia do ritmo sobre o sentido. Nesse caso, a oralidade, naturalmente presente no ato litúrgico e na entoação de benditos, é que determinava o ritmo e o sentido da palavra poética, tomada sempre como veículo de expressão espontânea da fé e da esperança. (MATOS, 2000, p. 24-26).

No acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa, encontra-se disponível a oitava edição da *Coleção de benditos do Bom Jesus da Lapa*, publicada em 9 de março de 1979, com as letras de Minelvino Francisco Silva, conforme a informação da capa do folheto. As composições foram escritas em trovas, com exceção da letra do bendito intitulado *Os sofrimentos do Bom Jesus pelos pecadores*, com oito versos em cada estrofe.

Os títulos dos benditos, em ordem de publicação, são: *Bendito da chegada dos romeiros do Bom Jesus da Lapa*, *Os sofrimentos do Bom Jesus pelos pecadores*, *Bendito do Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora das Candeias*, *Bendito da bênção do Bom Jesus da Lapa*, *Súplica do Bom Jesus da Lapa*, *Bendito de São Francisco de Assis*, *Bendito da santa romaria do Bom Jesus da Lapa* e *Bendito da despedida dos romeiros do Bom Jesus da Lapa*.

Entre os oito benditos publicados, seis se dedicaram a devoção específica ao Bom Jesus. É evidente a referência às outras devoções presentes no interior do santuário, como a São Francisco de Assis e a Nossa Senhora da Piedade. A exceção pode ser feita a Nossa Senhora das Candeias, que, talvez, seja fruto de outras experiências religiosas dos peregrinos, já que, no município de Camaçari, há o Santuário de Nossa Senhora das Candeias. O conteúdo dos benditos não será aprofundado em função da brevidade desse estudo, mas percebe-se a construção de uma narrativa da peregrinação interna ao santuário, já que o conteúdo tem início com a chegada dos romeiros e se encerra com a despedida destes.

## **Conclusão**

As peregrinações identificadas nos folhetos estudados traçam uma área que cobre grande parte do Estado da Bahia, do litoral ao sertão: Arraial d’Ajuda, em Porto Seguro, no litoral sul; Ituaçu, na Serra Geral, ao sul da Chapada Diamantina; e Monte Santo, no nordeste do Estado, no sertão baiano; motivadas pelas devoções ao Sagrado Coração de Jesus, à Santa Cruz, ao Bom Jesus, a Nossa Senhora das Dores e a Nossa Senhora da Ajuda.

As peregrinações contemplavam as festas religiosas, com as novenas que antecediam a festa do orago e as procissões e missas que faziam parte dela, o que incentivava o comércio local com a realização das feiras, um ponto de encontro da Literatura de cordel brasileira. O uso de fogos de artifício era comum nesse período, até passarem a ser combatidos pela hierarquia da Igreja em função do número de acidentes.

É possível perceber nas práticas e nos discursos dos peregrinos a existência de uma visão sacral do mundo, a qual buscava incessantemente por manifestações do sagrado, como a identificação das estalactites e estalagmites no interior da gruta, em Ituaçu, como sendo o resultado da ação divina ou da identificação da imagem do coração de Jesus no formato das pedras retiradas da gruta. A motivação dos peregrinos para a presença nesses locais era a busca por milagres e/ou o pagamento das graças que acreditavam ter recebido. A forte devoção mariana, característica da religiosidade popular, também fica evidente nessas peregrinações.

### **Referências bibliográficas**

MATOS, E. D. *O imaginário na literatura de cordel*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Edições Macunaíma, 1986.

SANTOS, I. M.-F dos. *Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SILVA, M. F. *A despedida dos romeiros de Nossa Senhora d’Ajuda*. s.l., s.d. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&PagFis=36199>. Acesso em 13 mar. 2019.

SILVA, M. F. *As belezas da gruta de Sagrado Coração de Jesus em Ituaçu*. s.l., s.d. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&PagFis=36199>. Acesso em 13 mar. 2019.

SILVA, M. F. *Aparição de Nossa Senhora das Dores e a Santa Cruz do Monte Santo*. s.l., s.d. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelIFCRB&PagFis=36199>. Acesso em 13 mar. 2019.

SILVA, M. F. *Coleção de benditos do Bom Jesus da Lapa*. s.l., s.d. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&PagFis=36199>. Acesso em 13 mar. 2019.

SILVA, M. F. *Uma explicação aos romeiros e a mudança das promessas*. s.l., s.d. Disponível em:

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&PagFis=36199>.

Acesso em 13 mar. 2019.

SCARANO, J. *Pintando o milagre*. Cadernos CERU, v. 8, p. 169-177, 1997.

WANKE, E. T. *Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante: Biografia*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1983.